

ANTONIO CANDIDO: UM GRANDE EXEMPLO PARA TODOS NÓS

Odalice de Castro Silva*

Resumo

Este trabalho examina alguns aspectos do método crítico de Antonio Candido (1918-), sua importância para os estudos literários, entre as comemorações dos oitenta anos do autor de Formação da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Antonio Candido, método crítico, crítica literária

Résumé

Ce travail examine quelques points de la méthode critique de Antonio Candido (1918-), son importance pour les études littéraires, parmi les hommages par les quatre-vingts ans de l'auteur de Formation de Literatura Brasileira.

Mots-clés: Antonio Candido, méthode critique, critique littéraire

Esta fala pode ser dividida em três partes. Dedicada a Antonio Candido (* Rio, 24.07.1918 -), como modesta homenagem nestes Encontros Literários Moreira Campos, entre as muitas e merecidas homenagens que têm sido feitas para este educador e crítico.

Publicações, como *Dentro do texto, dentro da vida*, de 1995, organizada por ex-alunos; um número especial de *Remate de Males*, do Depto. de Teoria Literária da Unicamp, Junho de 1999; a UFRJ, através do Núcleo de Estudos Literários e Sociais, organizou de 26 a 29 de outubro último, o ciclo de palestras “40 anos de *Formação da Literatura Brasileira* – Homenagem a Antonio Candido”, evento que conta com a participação dos professores Eduardo Coutinho, Antonio Carlos Secchin, Fernando Novais, entre outros.

Trata-se, sem dúvida, de homenagens legítimas a um educador que fez da sala de aula e de seus escritos teóricos e críticos um constante exercício da inteligência e da sensibilidade, no trato da linguagem literária e de suas implicações.

No primeiro momento, trataremos de uma compreensão de sua área específica de atuação: a integração da crítica, da teoria e da história literária, buscando apreender o elo capaz de promover tão necessário diálogo.

No segundo momento, consideraremos a contribuição de Antonio Candido para a auto-suficiência/ maturidade da linguagem crítica e o processo historiográfico no Brasil. E, como terceira parte, de que modo sua contribuição à inteligência brasileira frutificou e entra, hoje, em interação com as práticas críticas operadas, senão no meio universitário, pelo menos na expectativa mais aberta de jornais e revistas de intenção literária e cultural, seja através de suplementos especializados, seja em artigos menos direcionados literariamente, ou de divulgação de idéias na contemporaneidade.

1. LINGUAGEM E CRÍTICA

Ao escrever *O Método Crítico de Sílvio Romero* (1945) e o conjunto de artigos dedicados a *Álvaro Lins*, entre 1943 e 1946 e enfeixados sob o título “Um Crítico”, Antonio Candido situa duas grandes vertentes da linguagem crítica que encontrara ao entrar para a vida jornalística, contribuindo para jornais como “Folha da Manhã” e “Diário de São Paulo.”

O primeiro trabalho, no qual examinara a contribuição de Sílvio Romero (1851-1914) para a história da inteligência e para a formação dos estudos historiográficos brasileiros, destinara-se a concurso de Professor de Literatura Brasileira, em que concorreria com Mário de Andrade, conforme podemos ver na transcrição de alguns trechos de carta

*Doutora em Teoria Literária e Comparada pela UNESP, Profª de Teoria Literária do Departamento de Literatura, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Especialização em Estudos Literários e Culturais da UFC

do poeta modernista, nos quais este sugere a Antonio Candido, temas para a escrita de dissertação ao referido concurso, do qual Mário de Andrade não participou, por falecer em fevereiro de 1945 e o concurso dera-se em julho do mesmo ano.

Elegendo Silvio Romero e a compreensão que este alcançara da crítica, Antonio Candido inicia um projeto de estudos que se estenderia até a década de 1970, continuado por outros professores, seus alunos, o qual seria o resgate dos grandes críticos e pensadores da cultura brasileira. Na linguagem de Silvio Romero delinea-se a “geração de 70”, os “modernos” em relação aos românticos epigonais. Defendendo uma posição crítica oriunda do pensamento europeu, fundado nas influências positivistas, cientificistas e deterministas, a linguagem de Silvio Romero¹ reflete uma concepção crítica marcada pelo conceito de raça, pela causalidade, estreitando os vínculos entre obra e autor, a partir de uma espécie de explicação de uma pela outra. A crítica concebida nestes moldes chama a atenção do leitor para os fatores que margeiam a fatura da obra, que talvez justifiquem as condições de vida do autor, mas que tendem a deixar o texto literário à sombra destes fatores. Chamando a atenção do leitor mais para os fatos culturais e negligenciando o texto literário em si, sua construção, sua natureza de artifício de linguagem, Silvio Romero abre a linguagem crítica, herdeira das polêmicas bacharelescas, a uma visão cultural mais ampla, para o processo que atravessava o nosso país em meio às transformações operadas no pensamento europeu e diante das influências norte-americanas que avançavam célebres para a concentração analítica do artefato poético sob uma ótica imanentista, o “new criticism”, do qual Afrânio Coutinho foi notável defensor.

A linguagem de Silvio Romero marca, de forma profunda, o processo de definição da escrita e do pensamento de nossa sociedade e de Antonio Candido e, desta consciência, firma-se a convicção de que os fatos históricos, as condições sociais, os elementos políticos, intrinsecamente, relacionados à construção da obra literária constituirão fatores indiscutíveis à compreensão do fato literário.

As marcas da leitura de Silvio Romero, como nos diz Antonio Candido, lido desde criança, na biblioteca de seu pai, estariam impressas ao seu próprio “método”, sem os radicalismos, sem os exageros conceituais, sem o peso de aparato teórico exclusivamente impregnados de idéias cientificistas, devidamente trabalhadas, aquelas marcas, pela moderação, a objetividade e pelo modo pessoal com que compreendeu a essência da “geração de 70”.

Talvez, a depuração do “método” de Silvio Romero se deva à sua inicial formação de sociólogo e professor, de educador, ao convívio com cientistas sociais.

À medida que escrevia sua Tese sobre a metodologia romeriana, examinava a contribuição de Álvaro Lins (1912-

1970), o qual dominava a crítica literária, exercendo-a em jornais que acolhiam sua opinião como uma espécie de “suma” da função crítica.

Dividindo a cena crítica com nomes como Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima, Lúcia Miguel-Pereira, entre outros, Álvaro Lins cultivava uma linguagem que examinava a forma literária e preocupava-se em entender o funcionamento interno do texto poético, como podemos ler das sete séries do seu *Jornal de Crítica*, depois redistribuídos em publicações na década de 1960. Leu autores brasileiros e estrangeiros, em trabalhos nos quais pode demonstrar sua vasta erudição, abrindo a linguagem crítica a questões não especificamente literárias como religião, filosofia, sociologia, economia, política, entre outras. Ao examinar o texto literário em sua natureza poética, em alguns casos, insistia em ajustar (e justificar) a linguagem, o estilo do autor às condições de vida do mesmo, não conseguindo, ainda, desarticular estrutura poética e autoria, isto é, para o apelo de dados biográficos.

De modo que, nestes dois objetos de admiração e estudo, Antonio Candido encontraria os dois fundamentos de sua própria linguagem crítica: a preocupação com os fatores sociais e históricos e, no segundo caso, as questões formais, estéticas.

Como podemos depreender, até então, por volta de 1946, quando do último estudo a respeito da linguagem crítica de Álvaro Lins, delineava-se uma nova possibilidade teórica e metodológica para a leitura do texto literário, a qual integraria os fatores “extrínsecos” e “intrínsecos”, numa concepção crítica que buscava ler, na estrutura formal, as implicações e movimentos da História.

Interligavam-se dois projetos: a dimensão da História e sua problemática e a dimensão formal, delineando-se, assim, uma atitude crítica: “O crítico é feito pelo esforço de compreender, para interpretar e explicar...” Ou seja, compreender a obra em suas duas dimensões básicas, para ser capaz de interligá-las para “interpretar” e, posteriormente, exercer a função crítica em toda sua potencialidade.

Podemos encontrar a síntese crítica a que aludimos em epígrafe de escritos de Sérgio Milliet (que por sua vez já merecera de Antonio Candido um texto denominado “O ato crítico”, publicado em *A Educação pela noite e outros ensaios*, em cujo excerto abaixo lemos a reunião dos nomes que tanto influenciaram o autor da *Formação*) e constante de *Jornal de Crítica*, 7ª Série, de 1963, publicado pelas Edições O Cruzeiro, originalmente, artigo de 1951 para *O Estado de São Paulo*: “A obra de Álvaro Lins será imprescindível ao futuro historiador literário em nossa terra. Terá ela, então, o valor que tem a de Silvio Romero em nossos dias.”

O encontro dos dois nomes não é fortuito, pois são fundamentais para o intento de Antonio Candido: fazer a

¹ Há que se destacar a diferença entre a linguagem de Silvio Romero e a de José Veríssimo e Araripe Júnior, os outros dois grandes críticos do século XIX, no Brasil, tanto no que diz respeito ao discurso, quanto às idéias com que fundamentaram suas análises de obras literárias e a situação do Brasil no contexto social e político até a segunda década do século XX, com a morte de José Veríssimo em 1916.

compenetração do olhar estético e da circunstancialidade que motiva/ desencadeia/ contingencia o discurso literário, linguagem primeira.

2. A CONTRIBUIÇÃO DE ANTONIO CANDIDO PARA A AUTO-SUFICÊNCIA DA LINGUAGEM CRÍTICA NO BRASIL, E PARA O PROCESSO METODOLÓGICO-HISTORIOGRÁFICO DA LITERATURA BRASILEIRA.

Em 1959, Antonio Candido publica, em dois volumes, *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. Já publicara em 1945, *Brigada Ligeira*, livro que reúne vários “rodapés” dados à imprensa paulistana. Agora, quando faz publicar também *O Observador Literário*, em 1959, apresenta trabalhos a respeito de autores brasileiros (antigos e modernos) e estrangeiros, através de uma postura assinalada pela erudição com que marcaria sua atitude crítica.

Portanto, há quarenta anos, o prefácio, em que estão explicados não apenas o projeto historiográfico, mas uma concepção de teoria literária e um posicionamento crítico, guarda os traços de uma atitude moderada, segura e pessoal para questões que há séculos geram polêmicas e querelas.

Algumas destas questões a que me refiro estão no famoso “Seqüestro do Barroco”, conforme entendeu Haroldo de Campos, o fato de Antonio Candido datar de 1750 os fundamentos de uma Literatura Brasileira, começando com os neoclássicos; a formação de um sistema literário construído da integração de autores, obras e leitores, delineando, assim, uma formulação historiográfica em que, pela primeira vez, os leitores eram reconhecidos e incluídos como elementos de legitimação do discurso literário; e a apresentação de uma metodologia, segundo a qual, a crítica literária, como ponto de partida para uma dinâmica historiográfica, “com-penetra-va” história e forma, sem negligenciar as impressões iniciais inerentes ao contato com a obra literária, nem o imponderável nas relações entre vida e autor. Como podemos ler na Introdução à *Formação da Literatura Brasileira*.

Este prefácio tem quarenta anos e poderia ter sido escrito hoje, tal a atualidade de suas proposições. Examinados em seu conjunto, destacam-se em primeiro lugar um sentimento de autonomia e independência frente aos “modismos” críticos importados, como o “new criticism”, o formalismo, a segurança com que se apresentava a síntese de um processo de leitura do texto literário e a funcionalidade da linguagem crítica afirmava-se como um poderoso instrumento de educação do gosto para a formação intelectual dos seus leitores.

A configuração teórico-crítico-historiográfica explicada no prefácio aludido será exposta no 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História, de 24 a 30 de Junho de 1961, na Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, São Paulo, fun-

dada por equipe de professores da qual fazia parte Antonio Candido e em cuja Faculdade lecionou de 1958 a 1960, após afastar-se do ensino de Sociologia e optar pelo de Literatura.

Após a leitura do Relatório de Adolfo Casais Monteiro, “A Crítica Sociológica”, Antonio Candido participou do debate que envolveu Jorge de Sena, Haroldo de Campos anotou estas observações:

A verdade, afirma o aparteante (Antonio Candido) é que atualmente se está esboçando um movimento dos mais notáveis na Crítica e no estudo estrutural da obra literária, movimento começado no campo lingüístico, com os poetas, e que se vai ampliando na medida em que se aproxima da estrutura real da obra literária. Nessa nova posição está presente todo o conjunto da experiência humana, não mais como elemento de valorização, mas como ingrediente que compõe a obra e que a Crítica estuda como elemento presente, como elemento integrante, estrutural da obra literária. E conclui: ‘Tenho a impressão de que, na medida em que percebemos que o enfoque social-literário não é mais, hoje, o problema de buscar critérios extraliterários para avaliação de uma obra, precisamos ver em que medida a estrutura literária indica o momento em que o ponto de vista social poderá ter interesse’. (CAMPOS, 1963)

Instado por Adolfo Casais Monteiro a desenvolver em ensaio as reflexões apresentadas no Congresso a respeito das relações entre Sociologia e interpretação literária, elucidando a questão e ajudando a dissolver mal-entendidos, Antonio Candido escreve “Crítica e Sociologia”, artigo de abertura do livro *Literatura e Sociedade* (1965) e, dentro desta mesma perspectiva, já escrevera um trabalho de 1955, publicado na obra dirigida por Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*, “O escritor e o público”.

Tese e Antítese (1964) desenvolve o pensamento que se esboçara desde o início do percurso, qual seja, de inter-relacionar forma e história, não entendendo-a de modo paralelo, o que se fazia comumente, mas de modo a que os dados sociais e formais participassem da obra, interligados.

Formaliza-se na década de 1960, o método crítico de Antonio Candido e, nas obras de 1970 e 1980, *Vários Escritos* (1970), *Teresina Etc.* (1980), *Na sala de aula. Caderno de Análise literária* (1985), *A Educação pela Noite e outros ensaios* (1987) e outros trabalhos para jornais e revistas reafirma-se e aprofunda-se um modo muito peculiar de analisar a estrutura e os aspectos sócio-históricos, utilizando o ensaio como o espaço discursivo ideal desta prática.

3. AS REPERCUSSÕES DO “MÉTODO” DE ANTONIO CANDIDO PARA A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

São cinco décadas dedicadas ao ensino de teoria literária (e literatura comparada, da qual é basicamente um

dos fundadores no Brasil, na USP) é à Crítica Literária. Podemos indagar das repercussões deste modo de ler, compreender, interpretar e explicar a obra literária para a formação de novos professores e novos críticos e, ainda, a recepção deste “método” entre os outros críticos.

Antonio Candido notabilizou-se num cenário crítico dividido entre praticantes saudosistas do biografismo, do impressionismo crítico, do esteticismo, de sociologistas radicais, novos críticos, formalistas, estruturalistas empedernidos e afirmou-se, desde o início, fiel ao que expusera na homenagem a Álvaro Lins, na abertura de sua *Formação da Literatura Brasileira*, na homenagem a Sérgio Milliet (“O Ato Crítico”, 1987, in *Educação pela noite e outros ensaios*), defendendo mais que um “método”, uma atitude, uma ética e uma moral, diante da vida, da Arte, da História.

Podemos dizer que pratica-se, hoje, no Brasil, uma crítica literária universitária pautada por certa autonomia de idéias, de pensamento, não apenas porque os modismos tenham arrefecido, mas porque a repercussão de leitores/interlocutores de Antonio Candido, do porte de João Alexandre Barbosa, Alfredo Bosi, Davi Arrigucci Jr., para citar apenas esses, indicam a existência de uma autonomia crítica, um pensamento nacional centrado na inter-relação entre forma e história, como um modo de fazer ressoar a contribuição das aulas e dos ensaios críticos de seu professor e mestre.

O ensaio de Antonio Candido consegue aliar clareza, objetividade, ausência de pedantismo, embora pleno de erudição, sensibilidade no trato de seu objeto de estudo. Através destes traços, o ensaio informa, cativa, ensina, educa, sensibiliza o leitor, uma vez que a voz da escritura se insinua entre as frases, as orações, os períodos e parece que “ouvimos” a leitura do próprio crítico, à medida que, antes de qualquer coisa, o discurso faz deslizar a história de um leitor que, cheio de impressões e comoção, inteligência, discernimento e conhecimento, interpreta para o seu ouvinte as páginas que despertaram seu interesse.

Passamos a conhecer, através da escritura, o outro que, aliado ao eu escritural do texto poético, embora jamais se insinue como um “ego” diante de sua página de leitura, o outro que acompanha os conflitos, as lutas, as descobertas e revelações das personagens romanescas e poéticas através das quais igualmente revelou-se.

O ensaio de Antonio Candido reescreve o espaço de escrita daqueles poetas e escritores de ficção, de pensadores nos quais, e através dos quais, ao longo de tantas décadas, aprendeu a conciliar a fala dos grandes pensadores, sua sabedoria, o conhecimento dos grandes pesquisadores, o discernimento dos intérpretes, dos hermeneutas.

Inscribe-se, hoje, ao lado da leitura crítica de um Antonio Candido, uma abordagem temático-social, sem muitas preocupações com as questões expressivas ou formais, são os Estudos Culturais, sem que haja juízo prévio de nossa parte para com os estudos de temas, uma vez que este contrato fundamenta as idéias do discurso literário.

Não há novidade nas propostas gerais da “metodologia” dos Estudos Culturais, até porque esta tendência crítica defende-se de fórmulas e esquemas, espraiando-se por abordagens várias para discutir e problematizar pontos muito pertinentes a situações temáticas relacionadas a processos de descolonização, ressentimentos, gêneros, conflitos ideológicos, políticos, morais e éticos estilizados pelo discurso literário. A grande diferença é a do olhar crítico que trata os temas em apreço ao fio da navalha, isto é, quase desnaturando a ênfase poética do discurso literário em favor de uma leitura horizontalizada.

As fronteiras ou margens, o locus preferido dos discursos culturalistas, não precisam de tratamento sociologizado, uma vez que o processo de representação da linguagem, especialmente das formulações do romance, do conto, da novela, do teatro opera exatamente, com equilíbrio, percentagens de generalização e de referencialidade para que o pacto ficcional, assegurado, não desfigure o que de origem não é documento cartorial, ou peça sociológica.

De forma natural, direta, simples Antonio Candido definiu a funcionalidade da Crítica Literária em atitudes marcadas pelo espírito que determinou seu “método”: “Crítico é apreciar, apreciar é discernir, discernir é ter gosto, ter gosto é ser dotado de intuição literária.”

De modo corajoso definiu e praticou e ainda pratica o discurso crítico, apreciando, discernindo, escolhendo através das afinidades de obras e autores, vivendo na prática discursiva a humana “intuição literária”, atributos que conferem naturalidade, simplicidade, profundidade e clareza aos conceitos que analisa, às categorias que utiliza para ler e interpretar, como um hermeneuta, um “interprete”, entre obras, autores e leitores.

Esta homenagem, modesta embora, destaca a forma humana com que este educador e crítico tem se portado no ensino e na crítica, enobrecendo atividades em descrédito. Sua postura digna faz com que vislumbremos, com menos desânimo, a luta das “Humanidades” em nossa cidade, estado e país, em nossa vida, enfim, feita de expectativas e sonhos, percalços e decepções, num momento de tantas incertezas como o destes dias que vivemos.

A leitura de um texto crítico de Antonio Candido traz para mais perto de nós o pensamento vivo, a forma concreta, as circunstâncias, as “contingências”, como diria seu amigo, interlocutor e aluno, o escritor Osman Lins (1924-1978), da vida de autores, do mistério do texto poético que ele leu como se um poeta fosse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Anais do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História. 24 a 30 de junho de 1961. Assis, SP: 1963.
- CAMPOS, Haroldo de. Anais do Segundo Congresso de Crítica e História Literária. Faculdade de Filosofia, Ciên-

- cias e Letras de Assis – SP. 24-30 de Julho de 1961 –
Difusão Européia do Livro, Dist.: Assis: 1963, p.121.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*.
Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- _____. *O Método Crítico de Sílvia Romero*. SP:
EDUSP, 1988.
- _____. *Brigada Ligeira e outros escritos*. SP: EDUSP,
1992.
- _____. *Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e
História Literária*. SP: T. A. Queiroz, 2000, 8ª ed.
- _____. *Tese e Antítese*. SP: Ed. Nacional, 1978.
- _____. *A Educação pela noite e outros ensaios*. SP:
Ática, 1987.
- _____. *Vários Escritos*. SP: Duas Cidades, 1995, 3ª ed.
- _____. *Na Sala de aula. Cadernos de Análise Literária*.
SP: Ática, 1998.
- _____. *Remate de Males*. Número Especial, Depto. de
Teoria Literária da Unicamp. Junho de 1999.
- D'INCAO, Maria Angela e SCARABÓTOLO, Eloísa Fa-
ria. (Org.) *Dentro do texto, dentro da vida. Ensaio so-
bre Antonio Candido*. SP: Cia. das Letras, 1998.
- LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica*. 5ª Série. Com um estudo
de Antonio Candido: Introdução – Um Crítico. SP: RJ:
Liv. José Olympio, 1947.
- _____. *Jornal de Crítica*. 7ª Série. RJ: Ed. O Cruzeiro,
1963.